

Resumo

Esse ensaio é um compêndio de reações à escrita de estudantes ao longo da minha carreira, dos tipos de ideias que se tornaram notas sobre críticas em numerosos trabalhos, artigos, dissertações e especialmente teses. Esse texto é um conjunto de princípios e guias para transformar o produto da pesquisa em ciência política em algo legível. Ou, colocando na negativa, esse é um guia sobre como não ter seu trabalho rejeitado porque a qualidade da sua escrita joga contra você.

Palavras-Chave: Escrita; Profissional; Ciência Política

Abstract

This essay is a compendium of the reactions to student writing over a long career, the kinds of ideas that are notes on critiques of numerous papers, articles, theses, and especially, dissertations. It is a set of principles and guidelines for how to turn the product of political science research into something readable. Or to put it in the negative, it is guidelines for how not to have your work rejected because it is dragged down by the quality of your writing.

Key words: Writing; Professional; Political Science

Um Guia Para Escrever Profissionalmente Na Ciência Política*

James A. Stimson - UNC Chapel Hill

ATITUDE

Escrever é difícil. Na melhor das hipóteses, é produzir inteligência – no limite do possível – esclarecendo um mundo que é bagunçado em seu estado natural. Nenhum de nós faz isso tão bem quanto gostaríamos. É uma pena que a escrita é capturada pelas humanidades e ensinada por aqueles com inclinações humanistas, porque essa visão criativa, que é “expressiva”, atrapalha o entendimento de que a escrita é a aplicação da inteligência altamente disciplinada.

Escrever é pensar. A ideia que alguém possua boas ideias, mas seja incapaz de expressá-las é incorreta, em minha opinião. Se você não puder expressar uma ideia, você não a tem. Quando você não escreve de maneira clara é uma desilusão acreditar que você possui um claro entendimento sobre determinado assunto. Se você possuísse, você o teria escrito.

Escrever também é difícil porque o que você sabe sobre um assunto é radicalmente diferente daquilo que um leitor sabe e daquilo que ele ou ela deseja saber. Para o sucesso da comunicação, você deve descobrir o que o leitor sabe e aquilo que ele ou ela deseja saber. Isso significa desenvolver o hábito de ler suas próprias palavras, do começo ao fim, simulando o que acontece na mente do leitor que sabe apenas aquilo que pode ser aprendido com as suas palavras e como você as escreveu.

Escritores (ruins) geralmente dizem “Eu sei o que eu quero dizer e se o leitor não consegue entender minha escrita, isso é problema dele ou dela”. Errado. Isso é problema seu. Leitores que não conseguem seguir um argumento geralmente concluem que o autor não é muito esperto. E, considerando que já estive no papel de autor e leitor, eu acho que os leitores estão certos. Então, se você adota essa atitude, de que é problema do leitor descobrir o que sua escrita significa, mude isso ou se prepare para o fracasso profissional.

* Tradução feita por Patrícia Nabuco Martuscelli e Victor Araújo. O texto original, intitulado *Professional Writing in Political Science: A Highly opinionated Essay* pode ser acessado em: <http://www.unc.edu/~jstimson/Working_Papers_files/Writing.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2018.

ESTRUTURA: O PRINCÍPIO KOSHER¹

Uma das regras da dieta kosher estabelece que certos alimentos nunca devem se tocar porque o contato contamina um ou ambos. Eu tenho pensado há bastante tempo que essa ideia é um princípio útil para a boa escrita científica: que uma exposição contém princípios logicamente bastante diferentes que nunca devem ser tocados uns pelos outros porque esse contato contamina a clareza lógica na mente do leitor.

Como uma estratégia para escrever, eu fortemente sugiro que os seguintes elementos devem ser escritos de uma forma kosher: a teoria nunca deve ser discutida na mesma seção, muito menos no mesmo parágrafo, que a revisão da literatura ou a estratégia empírica da análise. Colocá-los juntos confunde suas estruturas lógicas nas mentes dos leitores, o que é provocado em último caso, pela mais perigosa confusão na mente do próprio autor.

Às vezes, essa confusão é intencional. Autores que não sabem que não possuem uma teoria original tendem a escrever seções intituladas “Teoria” que são, na verdade, revisões da literatura. Empregar muitas palavras para explicar a teoria de outros acadêmicos mascara a falta de ideias originais do presente documento.

Embora eu não goste do aspecto mecânico de ter seções nomeadas de “Problema de Pesquisa”, “Revisão da Literatura”, “Teoria” e assim por diante, creio que essa estrutura original deveria guiar a concepção do autor na tarefa de escrever. Esses são requisitos lógicos, cada um deles deve ser implementado para o sucesso da escrita.

Vou discuti-los em ordem.

PROBLEMA DE PESQUISA

A primeira seção de um trabalho é a mais importante porque os leitores formam os julgamentos iniciais sobre a qualidade do trabalho, projeto ou o que quer que seja. E as impressões iniciais dificilmente mudam, ainda que uma introdução maçante ou confusa depois dê lugar a uma escrita brilhante nas seções seguintes. Quando eu servi no painel da *National Science Foundation* (NSF)², lendo centenas de propostas por ano, eu comparava minhas notas com as de outros membros do painel. Todos nós concordávamos que tínhamos tomado a decisão de “financiar” ou “não-financiar” após a leitura da página 1 – o que raramente era alterado quando terminávamos de ler as propostas.

Então se você não chamar a atenção na seção em que apresenta o problema, você provavelmente perdeu o jogo antes mesmo de entrar em campo. Seu desafio é mostrar brevemente o problema, o contexto maior do seu trabalho e a justificativa de maneira que motive o leitor a querer saber os detalhes do que vem pela frente. Isso é muito difícil de fazer, mas o sucesso dessa tarefa é tão crítico que essa seção deveria ser escrita com muito cuidado; cada palavra deve receber mais a sua atenção do qualquer outra coisa que você escreva³.

1 Nota dos tradutores: kosher é um termo que se refere ao tipo de dieta permitido para quem professa a religião judaica. Há diversas regras a serem seguidas sobre os tipos de alimentos que podem ser consumidos e como prepará-los. Por exemplo, uma orientação é não misturar carne e leite.

2 Nota dos tradutores: a NSF é uma agência federal independente criada pelo Congresso dos Estados Unidos da América em 1950 com o objetivo de promover o progresso da ciência. Ela atua como agência de fomento com oportunidades de financiamento de pesquisas. Mais informações podem ser encontradas em: <<https://www.nsf.gov/about/>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

3 Nota do autor: Vou desenvolver esse tema mais para frente. Eu aprendi um truque com o meu mentor, Donald Matthews, que me ajudou muito. Trabalhe intensamente no primeiro ou nos dois primeiros parágrafos, escrevendo-os e reescrevendo-os até que eles sejam a melhor coisa que você seja capaz de produzir. Isso leva horas e não minutos. Como as primeiras notas de uma sinfonia de Beethoven, essas primeiras palavras são mais importantes do que tudo aquilo que as

Uma maneira comum de perder o interesse do leitor é começar escrevendo sobre a literatura. “A literatura” é uma parte chata (mas necessária) da escrita científica. Você não quer que sua escrita seja uma chatice. E quantas vezes temos que ler um autor expressando surpresa ou – com a desonestidade de um agente funerário fingindo tristeza – expressando infortúnio porque o seu tema de pesquisa não recebeu muita atenção na literatura. Se a justificativa para o seu trabalho for uma lacuna na literatura, o que se lê em seguida é certamente tedioso e trivial.

Um dos colegas de Mike MacKuen⁴, John Kautsky⁵ explicitou essa ideia perfeitamente: “esse trabalho completa uma lacuna que muito necessitava ser preenchida na literatura”. O que eu penso quando eu vejo um autor lidando com uma lacuna é que provavelmente existe uma excelente razão para que todos os pesquisadores anteriores decidissem que aquele problema merecia ser ignorado.

Uma questão de atitude: na verdade, a ciência é construída a partir daquilo que veio antes. Então, uma revisão da literatura que reivindique que todos os trabalhos anteriores são desprezíveis, produzidos por estudiosos com inteligência abaixo da média, leva-me a imaginar que o vem pela frente provavelmente é tão ruim que só poderia ser justificado como uma revisão da literatura composta por trabalhos terríveis. Se a sua contribuição é boa, ela deve melhorar o entendimento daquilo que está errado. Compare as duas ideias “Eu tenho uma ratoeira melhor” e “Nenhuma outra ratoeira é boa”.

Ou simplesmente siga o princípio kosher: a seção do problema de pesquisa serve apenas para introduzir o problema – e nada mais.

REVISÃO DA LITERATURA

Estudantes de graduação/pós-graduação normalmente são muito bons em revisar a literatura, o que provavelmente explica porque eles fazem isso além do necessário. O objetivo da revisão da literatura **não**⁶ é provar o quanto você sabe – não é uma prova. É estabelecer as bases do que se sabe para que você possa seguir em frente com aquilo que é novo. Dessa forma, ela deveria ser direcionada para o *mínimo*⁷ necessário para a base, com o foco voltado para as ideias e temas, não listas de autores, artigos e livros.

Como a extensão dos trabalhos é geralmente limitada na escrita científica, a revisão da literatura é um lugar excelente para economizar. Quando você revisa muita literatura, você não apenas torna seu trabalho extenso como também você falha em atingir o real objetivo de construir a base para sua própria inovação.

E o princípio kosher é quase sempre violado: Uma vez que você tenha terminado de escrever a revisão da literatura, pare. Ela não pertence a nenhum outro lugar do trabalho. Quando ela aparece em outros lugares, no meio das seções de teoria, desenho de pesquisa ou análise, geralmente causa confusão. O problema é que a revisão da literatura é uma muleta que os estudantes de graduação/pós-graduação empregam quando querem evitar outros temas (mais difíceis).

segue. Isso vai além de trabalho duro. Você deve escolher um assunto que permita que você desenvolva uma escrita poderosa. Não estou me referindo apenas à abstração. Minha estratégia usual é escolher alguma ilustração muito específica e concreta e apresentar uma abstração para generalizar o caso.

4 Nota dos tradutores: Michael MacKuen é professor do Departamento de Ciência Política da University of North Carolina at Chapel Hill. Mais informações podem ser encontradas em: <<http://www.unc.edu/~mackuen/>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

5 Nota dos tradutores: John Kautsky é Professor Emérito de Ciência Política na Arts & Sciences at Washington University em St. Louis. Faleceu em outubro de 2013. Mais informações disponíveis em: <<https://source.wustl.edu/2013/10/obituary-john-kautsky-professor-emeritus-of-political-science-91/>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

6 Nota dos tradutores: grifo do autor.

7 Nota dos tradutores: grifo do autor.

TEORIA E MODELO

Uma sugestão: comece a seção de teoria com as palavras “Eu não tenho teoria”. Isso serve como um lembrete útil de que a pesquisa social não possui nenhum outro propósito e que o presente trabalho não deveria ser escrito enquanto a declaração acima for verdade.

Eu disse que escrever é difícil. Escrever teoria é o tipo de escrita mais difícil que existe – e o mais importante. Não é surpresa que as seções de teoria são normalmente uma mistura confusa de revisão da literatura e desenho de pesquisa, alguma coisa ou qualquer coisa para esconder o constrangimento de não possuir uma teoria.

A Teoria normalmente é escrita no modo subjuntivo com afirmações que denotam relações abstratas lógicas. “Dada a condição x, o padrão y deve acontecer”. O “deve” é uma afirmação lógica e não empírica.

• Censura

Dois tipos de censura são comuns ao escrever teoria social. Autores algumas vezes censuram a própria teoria a fim de adaptá-la para prever aquilo que será observado no estudo e nada mais. O segundo tipo é a operacionalização, uma doença comum da escrita na ciência política, que define conceitos em termos dos indicadores para mensurá-los.

Censura I: Adaptando a Teoria ao Estudo Restringir uma teoria para limitá-la apenas àquilo que será observado no presente estudo é prejudicial. Rouba a teoria da maior parte de sua riqueza. Censurar uma teoria para prever somente aquilo que será observado geralmente torna a teoria tão específica que a priva da lógica que a dirige. Essa teoria – se é que ela se mantém uma teoria – é tão limitada que deveríamos nos importar pouco se ela for ou não verdadeira. É próprio de uma ciência social ruim ter teorias que preveem exatamente aquilo que será observado no estudo. Todos que já fizeram pesquisa social entendem que provavelmente há alguma desonestidade no trabalho quando as coisas funcionam bem demais.

Qualquer teoria decente terá implicações empíricas muito além do que qualquer estudo pode observar. Leitores entendem isso. Isso não é um problema. Assim, alguém desenvolve uma teoria em toda a sua riqueza e então explica que uma pequena fração de implicações empíricas pode e deve ser observada. Tudo o que é necessário é uma breve afirmação de transição no final que especifique o pequeno conjunto de implicações empíricas observáveis e que vão refletir, ainda que apenas parcialmente, na verdade da explicação.

Censura II: Operacionalização Os elementos constitutivos – os nomes, para colocar assim – da teoria são os conceitos. Conceitos são ideias abstratas e teóricas, como tendem a ser as palavras que os formam. Em um mundo mais conveniente, cada um deles corresponderia a um conjunto maravilhoso de indicadores. No mundo real, conceitos representam muito mais do que pode ser mensurado mesmo com o melhor indicador possível. Em uma forma antiga de explicar, a correlação “epistêmica” é a ideia de que a correspondência entre conceito e indicador é imperfeita e imparcial, $r < 1.0$. Parte da tarefa da pesquisa é otimizar o ajuste do indicador ao conceito, indo do totalmente inválido até, no melhor caso, o mais parcialmente válido. Parte da inferência é reconhecer o papel que a baixa correlação epistêmica implica nos resultados.

Conceitos devem ser apresentados como ideias. Fazer o contrário, defender que eles são o que os indicadores medem é uma estratégia científica falha na qual nenhum número de estudos pode algum dia levar

à teoria. Manter o princípio kosher implica simplesmente não fazer referência a quaisquer indicadores na seção de Teoria. O tema ‘como os indicadores se ajusta aos conceitos’ demanda tratamento específico na seção Desenho de Pesquisa.

DESENHO DE PESQUISA

A seção sobre Desenho de Pesquisa apresenta a solução para o seguinte problema: é necessário que haja uma conexão entre o que as teorias preveem e o que de fato pode ser observado. Se uma teoria for suficientemente geral para ser proposta e digna de ser testada, então ela terá implicações significativas em estudos de diferentes tipos e para vários indicadores. A seção sobre Desenho de Pesquisa é onde a censura inapropriada ao desenvolver a teoria se torna apropriada. O leitor precisa entender como a teoria geral se relaciona com o mundo real em um teste específico.

Dessa forma, é necessário delimitar a parte da teoria que será sujeita a testes no trabalho em questão e então detalhar como a teoria leva a implicações empíricas. Isso pode ser visto como duas tarefas: (1) ajustar a teoria ao desenho do estudo, e (2) ajustar conceitos teóricos a indicadores observáveis. Ambas são escolhas criativas feitas pelo autor e ambas estão sujeitas, como qualquer pressuposto, ao erro.

A escrita ruim tende a tratar as decisões do desenho de pesquisa como se elas tivessem sido ditadas pela necessidade. A abordagem honesta envolve admitir que elas são suas próprias decisões e que cada uma é sujeita ao ceticismo de leitores razoáveis. A tarefa do autor é explicar a lógica que o levou a essas decisões envolvendo o leitor. Leitores são razoáveis na média. Eles aceitarão decisões difíceis sobre como fazer as coisas quando o autor explicar a sua lógica. Mas essa lógica tem que estar lá.

Talvez seja mais fácil dizer como uma seção de Desenho de Pesquisa falha parece. Ela é normalmente uma lista de variáveis seguida por uma regressão. Se o leitor perguntar – como qualquer leitor deveria fazer – o que esses coeficientes da regressão significam para a veracidade da teoria, a resposta mais comum tende a ser nada. Ou seja, o que uma regressão significa é normalmente que as condições necessárias para a estimação com uso do software foram preenchidas, mas os coeficientes na tabela não significam nada para a teoria. A “lógica” empregada é algo como “Eu posso fazer uma regressão e, portanto, a teoria é verdadeira”.

HIPÓTESES

Hipóteses são os meios pelos quais implicações de uma dada teoria são traduzidas em fatos empiricamente observáveis. As boas hipóteses são sempre passíveis de falsificação. E quando isso ocorre, significa que a teoria testada é falsa. As suas expectativas prévias sobre o fenômeno investigado, aquilo que você já sabe sobre os dados, nunca deveriam ser apresentados como hipóteses. Se estas não são logicamente relacionadas à teoria, logo, elas não são passíveis de teste.

De modo geral, hipóteses ruins testam intuições do autor. É preciso sempre lembrar que a qualidade da sua intuição não interessa a mais ninguém além de você mesmo. A menos que suas expectativas sejam derivadas da teoria, não importa o que você “pensa”.

Uma pergunta recorrente é se as hipóteses deveriam ser formalmente apresentadas. Eu não tenho uma opinião bem estabelecida sobre isso, mas não é incomum que a representação formal de hipóteses, bem como equações desnecessárias, transmita mais uma ideia de pseudociência do que de rigor científico.

ANÁLISE

Não é fácil converter uma boa análise em um bom texto. É preciso criar expectativas sobre os resultados na mente do leitor e se assegurar de que os dados serão apresentados de maneira cuidadosa. Os autores sempre superestimam a capacidade do leitor para compreender seus resultados. Os leitores não são idiotas, eles apenas não gastaram as milhares de horas que o autor gastou trabalhando em cada detalhe de uma análise complexa. Por isso, elas precisam ser guiadas.

Se as revisões da literatura são sempre muito longas, a análise dos dados é sempre muito curta. Existem muitos aspectos importantes do momento da análise que, frequentemente, não são reportados no texto. Para aquelas variáveis teoricamente relevantes, precisamos, em primeiro lugar, apresentar nossas expectativas em relação à magnitude (se possível), sinal (positivo ou negativo) e significância dos coeficientes estimados. Além disso, precisamos comentar cada um dos coeficientes, confrontando os resultados encontrados com as nossas expectativas prévias. Neste ponto da análise, autores com menos habilidade quase sempre enfatizam excessivamente a significância e menosprezam a magnitude dos coeficientes.

Em estudos com N grande, variáveis pouco importantes provavelmente serão estatisticamente significantes, o que demonstra a força dos dados, não a importância desses fenômenos⁸. Muitas vezes, é extremamente útil ir além dos coeficientes e falar sobre a magnitude dos efeitos nas unidades de análise da variável dependente. Mas os autores também costumam cometer o erro inverso: não considerar a significância estatística seriamente. Quando não é possível plausivelmente excluir a possibilidade de que o parâmetro estimado é zero, não faz sentido discutir um sinal e a magnitude de um coeficiente. Fundamentalmente, a não significância de um coeficiente nos diz que nós não temos informação confiável para inferir sobre o seu sinal e magnitude.

Não trate os coeficientes como se eles fossem iguais. É muito comum que o teste-chave da teoria recaia sobre o resultado de apenas um ou dois coeficientes, com tudo mais incluído na especificação apenas para obter um modelo com menos viés ou melhor ajuste. A ênfase no momento de reportar os resultados deveria refletir isso. Os coeficientes merecem muito mais atenção do que eles costumam receber no texto.

Analistas amadores geralmente enfatizam o ajuste do modelo, relatando o quanto os dados se ajustam bem em um modelo estatístico que, de fato, importa pouco para a validação (ou não) de uma teoria. É sempre bom lembrar que a análise está testando uma teoria. O que importa é o que a teoria prediz e se isso é observado ou não. Uma questão semelhante diz respeito à capacidade explicativa das variáveis, algo que quase nunca está relacionado com a consistência empírica da teoria testada. O poder explicativo das variáveis simplesmente não é relevante e apenas contribui para desvirtuar o analista de seu principal propósito: testar a validade da teoria.

- Tabelas: Apresentando resultados de modelos estatísticos

O design das tabelas é muito importante, mas frequentemente esse é um aspecto em que os autores vão muito mal. Isso exige que você pense sobre o que o leitor sabe e quer saber sobre o seu trabalho para, apenas depois, pensar cuidadosamente em como contar essa história.

8 Nota dos tradutores: essa é uma decorrência da “Lei dos Grandes Números”, um teorema fundamental da área de probabilidade na abordagem estatística Frequentista.

Um bom ponto de partida é: as revistas acadêmicas para as quais submetemos nossos trabalhos costumam ter regras sobre a formatação das tabelas. Você precisa conhecê-las antes de iniciar a organização dos seus dados (não algum tempo depois). Violar esse tipo de regra é uma boa maneira de denunciar sua condição de analista amador. Se você quiser que os leitores pensem “isso foi feito por um estudante de graduação/pós-graduação”, então, a despeito de todos os meios para fazer isso da forma correta, apenas escolha seu modelo favorito de tabela do *Microsoft Word*. Caso você queira parecer um profissional sério, será melhor não fazer isso.

Uma regra: tabelas sempre deveriam ser feitas de modo a permitir que o leitor entenda o conteúdo sem precisar ler outras partes do texto. Isso significa que as tabelas devem ser autoexplicativas, não dependendo de explicações adicionais contidas no corpo do texto. O oposto também é verdade: um leitor deveria poder pular uma tabela e compreender completamente os dados nela contidos apenas por meio da leitura do texto.

Nos últimos anos, a prática profissional de configuração de tabelas se moveu para a simplicidade, longe do uso extensivo de ênfases, isto é, todas as coisas que a *Microsoft* lhe permite fazer. Portanto, minimize ou elimine inteiramente o uso de negrito e itálico nas tabelas. Também esqueça as tabelas que o *Microsoft Word* projetará para você. Todos eles violam padrões profissionais de formatação de tabela. Por fim, nunca use linhas verticais em suas tabelas.

Editores de tabela: elaborar boas tabelas é demandante e um programa básico como o *Word* não é o mais adequado para realizar essa tarefa. Este é o motivo pelo qual existem os editores de tabela⁹. Eles possibilitam executar tarefas de *layout* mais complexas que as ferramentas comuns de processamento de texto não permitem. Não sabe como usar um? Você é um autor profissional. Aprenda a usar esse tipo de ferramentas ou escolha uma profissão para a qual você se ajuste melhor.

Título: O título deveria conter a lógica básica e/ou o significado dos dados que deseja apresentar, isto é, o que está sendo testado e como. O leitor sempre se pergunta o motivo pelo qual ele deveria olhar para tais números e o título deveria responder essa questão. Os títulos tendem a ser muito curtos ou imprecisos, não fornecendo informação suficiente para que os números possam ser corretamente interpretados.

NÃO nomeie tabelas com o nome do estimador estatístico empregado no teste. Este é outro sinal claro de amadorismo do autor. Um título como “Regressão Logística da...” mostra para o leitor que você se impressionou pelo fato de saber empregar um modelo estatístico e esqueceu o propósito substantivo para o qual as tabelas servem.

A coluna mais à esquerda costuma ser utilizada para nomear as categorias (variáveis) dos coeficientes representados na tabela. O problema habitual é que os nomes são muito breves para transmitir o que, de fato, significam essas categorias – não se esqueça da regra sobre o conteúdo das tabelas ser autoexplicativo: se for preciso retornar em outro ponto do texto para saber o que uma categoria imprecisa significa, você já violou essa regra e causou raiva no leitor. Portanto, evite abreviações.

Dado que a interpretação de um coeficiente não padronizado exige que saibamos como as variáveis foram mensuradas, seja detalhista no momento de apresentar a informação. Em vez de “Renda”, que pode ser

9 Nota dos tradutores: o *Microsoft Excel* é o editor de tabelas mais difundido em diferentes áreas. Uma boa opção de editor de tabela profissional é o *LaTeX*, um software de programação livre que, dentre outras coisas, oferece um número ilimitado de opções de formatação de tabelas profissionais. O programa pode ser também utilizado como editor de texto – que, diferentemente do *Microsoft Word*, possui a opção de formatação automatizada de *layout* e definições de espaçamento no texto – e gerador de figuras em alta definição. Para mais informações, ver <<https://www.latex-project.org/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

mensurada de diversas maneiras, use algo mais detalhado como, “Renda (em milhares de reais)” ou “Renda (Categorias da ANES¹⁰)”. Para variáveis dicotômicas, é sempre útil informar a categoria de referência. Por exemplo, para a variável “Gênero”, poderia ser informado se a categoria de referência (1) é Feminino ou Masculino.

Algumas informações, mesmo quando importantes para o leitor, não podem ser colocadas no corpo da tabela, mas também não possuem importância suficiente para aparecerem no título. Neste caso, você precisa fazer o uso de notas, por exemplo, para informar que os erros padrões dos coeficientes da regressão logística apresentada na tabela estão entre parênteses.

Asteriscos na tabela de regressão: Minha visão sobre este assunto, devo confessar, é heterodoxa. Acho que a idéia de relatar três ou quatro diferentes níveis de significância é estúpida e desonesta. É estúpido porque isso provoca confusão e imprecisão com a apresentação de diversos símbolos na tabela. É desonesta porque, na prática comum, usamos um nível de significância, geralmente .05, para todas as inferências. Dizer que algum coeficiente é significativo ao nível de .001 significa que esse era o padrão que deveríamos ter estabelecido *a priori* e, portanto, não deveríamos aceitar como significativo nada acima desse limiar. Além disso, a ênfase nos níveis de significância retira o foco daquilo que deveria ser central: a interpretação substantiva dos coeficientes.

Como leitor, prefiro sempre ser informado que existem dois tipos de coeficientes. Aqueles que foram estimados de forma confiável ($p < 0,05$) e aqueles que foram estimados com uma margem de erro muito acima do recomendável ($p < 0,10$). Mas, como já mencionei, meu ponto de vista vai na direção contrária da prática corrente na área. De todo modo, a menos que você esteja lidando com uma amostra muito pequena, apresentar $p < 0,10$ como um resultado robusto apenas colaborará para que o leitor tenha certeza da sua condição de amador, dado que você não é capaz de aceitar o fato de que as evidências não lhe permitem corroborar a sua hipótese. Se você insistir em reportar vários níveis de significância, recomendo que você não use o número de asteriscos para avaliar a importância dos coeficientes estimados. Deveríamos ter em mente que, estabelecer com precisão a probabilidade de que um coeficiente seja zero – é o que estamos normalmente testando – é uma linha muito tênue, razão pela qual asteriscos deveriam ganhar menos importância nas nossas análises.

- Figuras

Figuras são chamadas “figuras” (e não gráficos) e possuem descrição externa (e não interna) do conteúdo representado.

Dica útil: NÃO CRIE FIGURAS COLORIDAS. Publicações profissionais são feitas em preto (P) e branco (B) apenas. É muito importante que você pense no aspecto final da sua figura durante o processo de criação. Se você optar por fazer o uso de cores, o bom entendimento da figura passará necessariamente pela clara compreensão da paleta de cores utilizada. O que significa que, uma vez impressa em P&B, será muito difícil discernir os elementos apresentados nessa figura. Esse problema é a fonte de muito, talvez os maiores, erros das figuras que costumam ser publicadas. Portanto, gaste tempo criando uma figura em P&B.

Definindo linhas e legendas: Programas e softwares estatísticos costumam definir automaticamente as legendas. Usualmente elas são de mau gosto e, caso elas não sejam alteradas, também denunciarão o seu

10 Nota dos tradutores: a sigla se refere a *American National Election Studies*, uma organização que organiza e disponibiliza informações sobre as eleições nos EUA. Mais informações em: <<http://www.electionstudies.org/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

amadorismo. Eu geralmente emprego algum trabalho adicional para melhorar a aparência das minhas figuras. É bem verdade que isso pode consumir um tanto considerável de tempo, mas pode evitar, por exemplo, que o seu artigo seja rejeitado em função do aspecto amador do seu texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma primeira questão, que frequentemente recebe menos atenção do que deveria, é se uma seção de conclusão é realmente necessária. Na maior parte das vezes, eu penso que a resposta deveria ser não. Uma questão é derivada da teoria, colocada em forma de hipótese, e respondida por meio da análise empírica. Apresentar a resposta novamente em outra seção significa adicionar espaço desnecessário e insultar a inteligência do leitor, dado que, implicitamente, assume-se que o mesmo não foi capaz de entender da primeira vez em que a resposta aparece no texto. Autores repetitivos causam irritação nos leitores.

Uma conclusão apropriada, penso eu, deveria pontuar questões gerais que não podem ser diretamente inferidas da análise. Pode ser um padrão não suficientemente capturado pela análise, mas que aparece repetidamente. Pode ser alguma conclusão derivada de expectativas posteriores que não necessariamente coincidem com os priores da análise. De qualquer forma, a conclusão é a segunda parte mais importante de um trabalho em termos de sua capacidade para convencer o leitor. Portanto, nunca deve ser um resumo das coisas já escritas.

• Questões adicionais

A visão usual sobre os detalhes de um manuscrito é que ele deveria ser perfeito apenas em sua versão final para publicação, que os rascunhos podem ser imperfeitos em termos de estilo, ilustrações e assim por diante. Eu considero essa estratégia um grande erro. Embora seja aceitável que um manuscrito em fase de elaboração contenha alguns pequenos erros, é preciso ter em mente que a aceitação ou rejeição do seu artigo em uma boa revista científica depende da qualidade do seu manuscrito. A implicação disso é: a perfeição nos detalhes deve preceder a submissão, não proceder. O juízo das pareceristas é inevitavelmente afetado por pequenos problemas de escrita e de estilo que nada têm a ver com o mérito da pesquisa. Isso é apenas a natureza humana assumindo que a negligência ou falta de conhecimento profissional é um indicativo de negligência e falta de conhecimento profissional em outras etapas do trabalho que, provavelmente, afetaram a qualidade da análise.

Nunca submeta um artigo para uma revista como meio para aprimorar um manuscrito imperfeito. O processo é muito oneroso para isso – para os profissionais envolvidos e mais ainda para você. É para isso que servem os amigos.

Estou relutante em recomendar uma forma de escrever, porque diferentes estratégias funcionam com diferentes pessoas. Mas a menos que isso viole o modo como você consegue produzir, o principal mandamento para alcançar a perfeição na escrita é a antecedência com que você começa a trabalhar nos seus manuscritos. Pequenos problemas de estilo e escrita podem ser corrigidos em seguidas revisões de texto. Se você escreve de maneira imperfeita na primeira versão e espera corrigir todos os problemas do texto em apenas uma revisão final, devo lhe dizer que você provavelmente falhará nessa missão.